

INTERAÇÕES DIGITAIS – USOS SOCIAIS DA INTERNET EM PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Aluna: Rebeca Herval
Orientadora: Adriana Braga

Resumo: A dinâmica comunicacional estabelecida nos ambientes interacionais das redes sociais foi analisada. Em particular, buscamos discutir as formas específicas com as quais arranjos interacionais se organizam, e como as relações de pertença e reconhecimento se estabelecem. Os dados são oriundos das interações no âmbito dos ambientes digitais, de encontros presenciais, entrevistas pessoais e gravações em vídeo de interações entre participantes e a tecnologia comunicacional em situações de uso. A perspectiva da Ecologia das Mídias e a aplicação de conceitos da Análise do Discurso, das teorias da Interação Social e da Etnometodologia, possibilitam identificar categorias interacionais e discursivas, descritas e analisadas.

Introdução

O foco teórico desta pesquisa centra-se no estudo da interação ocorrente no ambiente da Internet, desde uma perspectiva ecológica da mídia. O termo ecologia da mídia (*media ecology*) foi originalmente definido por Neil Postman em 1970 (*apud* Strate, 2003, p. 19) como “o estudo da mídia como ambientes.”¹ Walter Ong (2002) destaca que, com a explosão de informação que marca a época atual, a consciência das inter-relações de todas as coisas da vida e das estruturas do mundo em torno de nós tornou possível o estabelecimento de relações precisas e elaboradas entre realidades e particularidades específicas com outras realidades no universo e ambiente humanos. Esse autor considera que, dado o intensivo e detalhado conhecimento atual do universo interconectado e sua história evolutiva, vivemos no que poderia ser chamado de “era ecológica.” Logan (2002) credita o início da perspectiva ecológica da mídia às acepções McLuhanianas, pioneiras na preocupação com o papel dinâmico da mídia e da tecnologia

¹ Tradução pessoal. No original, “...the study of media as environments.”

nos ambientes econômico, político, social e cultural.² Nesse sentido, a perspectiva ecológica da mídia agrega como aspectos da comunicação os estudos da mídia, da tecnologia e da linguagem, e a interação entre esses três domínios, entendidos como um ecossistema (Logan, 2002).

Este estudo buscou investigar as interações ocorrentes a partir dos ambientes de Internet estabelecido em torno das redes sociais. O objetivo central consiste em descrever e analisar aspectos da dinâmica interacional estabelecida nestes ambientes. Em termos mais específicos, pretendo discutir as formas particulares com as quais arranjos interacionais se organizam, bem como as relações de pertença e reconhecimento entre participantes, à luz de teorias da enunciação e da interação social. A partir da noção de sociabilidade, que poderia ser definida brevemente como uma forma autônoma, estética e lúdica da sociação (Simmel, 1983), procurei caracterizar este ambiente de mídia como *locus* privilegiado do encontro entre cultura midiática, práticas sociais e tecnologia computacional.³

Ambientes Digitais e Identidades: justificativa

A problemática que norteia este estudo parte da compreensão das redes sociais, fenômeno midiático expressivo surgido na última década, como ambientes específicos possibilitados pelo suporte técnico e seus usos, que originam práticas sociais peculiares. Acredito que essas interações verbais tecnologicamente mediadas podem ser pensadas como um interessante ponto de partida para investigar a relação entre tecnologias da informação e interação social na contemporaneidade.⁴

As fontes de sentido da vida social são diversas, originadas de campos sociais distintos. As mídias, tomadas como uma dessas fontes, realizam uma ação significativa nos processos identitários nos nossos dias. As mídias, entendidas como importantes dispositivos de “socialização, de integração social e de reprodução cultural” (Esteves, 2000, p. 26) podem ser consideradas agentes ativas no processo de constituição das identidades sociais.

² Entretanto, McLuhan recebeu críticas severas por propor uma teoria midiática incapaz de articular satisfatoriamente a relação entre mídia, poder e comércio.

³ Peculiaridades diversas da sociação *online* têm sido objeto de pesquisas recentes no campo da Comunicação, como as de Gomes (2001), Lemos (1998) e Martins (2003), entre outros.

⁴ Sobre a relação entre tecnologia e gênero, ver Paglia (1992).

Os grupos pesquisados são compostos na sua maioria por pessoas de classe média, que lidam com o computador diariamente, usuários/as leigos dessa tecnologia. As possibilidades proporcionadas por essas tecnologias delineiam um fenômeno histórico emergente que assinala uma tendência, e que demanda compreensão. A considerar a implementação constante de programas e campanhas de alfabetização, escolaridade, busca de solução para a problemática de acesso, inclusão digital nas escolas e periferias, as práticas sociais realizadas pelos grupos observados apontam para uma perspectiva de crescimento exponencial, mesmo que hoje essas pessoas ainda possam ser tomadas como uma elite privilegiada.

Objeto e Problema de Pesquisa

O fenômeno que este estudo se propõe a investigar se refere a uma atualização contemporânea específica, o uso social das tecnologias computacionais recentes por grupos em interação.

As atividades on-line estão inseridas em condições práticas de uso, utilizando-se de recursos de outros contextos interacionais em combinações específicas de acordo com a demanda do caso de uso em questão. Tais atividades não parecem substituir atividades tradicionais, mas funcionar como seus complementos ou transformações. Vários aspectos da conversação oral-auditiva podem ser identificados na CMC; entretanto, outros modelos podem compor essa atividade específica, como escritura de cartas, telefonema, conversação presencial, etc. Nesse sentido, o material em exame aponta para a necessidade de observação do modo peculiar de expressão verbal nesses ambientes, buscando compreender a especificidade dessa cultura comunicacional feita de textos escritos a partir do modo pelo qual participantes interagem.

A forte dimensão interacional do fenômeno observado aponta para a necessidade de complementar a análise do discurso de participantes com uma abordagem de cunho etnográfico, visando a compor um aparato que possa captar com maior precisão e abrangência a complexa relação interacional estabelecida. Assim, serão examinadas transcrições de entrevistas realizadas com informantes selecionados/as, anotações feitas a partir da participação nos encontros promovidos

periodicamente por participantes, interações verbais encontradas nas mais variadas redes sociais, e ainda, o conteúdo de um diário de campo etnográfico.

Quadro Teórico de Referência

Especificidades da atividade on-line

Buscando lidar com um objeto de natureza tecnológica, é preciso evitar tanto a tentação do determinismo quanto da negação que este tipo de objeto suscita. A abordagem de Ong (1998) apresenta um meio termo sensato, que, a partir de uma perspectiva histórica, realoca a oralidade no lugar de originadora da cultura escrita. A escrita, considerada como tecnologização da palavra, por estar tão incorporada ao próprio pensamento humano, tem sua forma e organização tomadas como óbvias, dadas.⁵ As semelhanças e diferenças entre oralidade e escrita, entretanto, apontam aspectos interessantes de subculturas de sociedades de cultura escrita de alto grau como a nossa, onde fragmentos de oralidade podem ser identificados, revelando aspectos de grande interesse de estudo. Na passagem da fala para a escrita, opera-se um desvio do universo sonoro para o espaço visual (Ong, 1998, p. 135). Nesse sentido, observa-se no LV um modo frequente e curioso de expressão, registros por escrito com ritmo e expressividade característicos de formas basicamente orais.

Este uso subversivo da língua culta – aquela dos documentos formais – reitera o distanciamento eletivo do mundo do trabalho, e a consequente adesão ao descompromisso próprio da sociabilidade. Uma distinção importante é ressaltada por Ong com relação à escrita e à oralidade, e parece se aplicar aos dados de campo:

A escrita e a leitura diferem da oralidade, em termos de ausência: o leitor está normalmente ausente quando o escritor escreve, e o escritor está normalmente ausente quando o leitor lê, ao passo que, na comunicação oral, falante e ouvinte estão presentes, um diante do outro (Ong, 1998, p. 191).

Para Ong, uma das diferenças operadas pelo surgimento da escrita com relação à cultura oral foi a introdução de um tipo de reflexão analítica até então inexistente. Livre da obrigatoriedade da presença física do outro e da concomitante necessidade do improvisado demandado pela cultura oral, a cultura escrita permite tempo para reflexão, para escolher as melhores palavras. Com isso, ganha-se em precisão

⁵ Entretanto, a experiência proporcionada pelos meios de comunicação tem influenciado a auto-identidade e a organização das relações sociais desde a primeira experiência da escrita (Giddens, 2002, p. 12).

verbal, mas perde-se um pouco em espontaneidade. Em nossa época de oralidade secundária – oralidade pós-tecnologia da escrita –, a promoção da espontaneidade se dá através da reflexão analítica operada pela escrita: decide-se que é conveniente ser espontâneo (Ong, 1998, p. 155).

Assim, a introdução de uma nova tecnologia em dada cultura implica uma reorganização desta nos mais diversos níveis, promovendo novo repertório de palavras, novas práticas sociais, novos protocolos de interação, nova visão de mundo. A partir disso, não se tem a cultura mais a nova tecnologia, mas outra cultura. Nos termos de Neil Postman, “a mudança tecnológica não é nem aditiva nem subtrativa. É ecológica. Refiro-me a ‘ecológica’ no mesmo sentido em que a palavra é usada pelos cientistas do meio ambiente. Uma mudança significativa gera uma mudança total” (Postman, 1994, p. 27).⁶

O computador pode ser usado como ferramenta, quando realiza tarefas como processamento de texto, gerenciamento de base de dados, bem como meio de comunicação, quando usado para a comunicação interpessoal através da rede de computadores. Enquanto a tecnologia é mera máquina, na medida em que é utilizada para o uso de um código simbólico e estabelece-se em certo espaço social, torna-se meio, isto é, um ambiente social e intelectual criado pela máquina (Postman, 1985). A interação estabelecida entre usuários/as cria o ambiente de mídia, esse novo espaço intelectual e social denominado ciberespaço.

A ideia de usar computadores como meio de comunicação foi introduzida por J.C.R. Licklider e Robert Taylor, em 1968 (Barnes, 2003), e forneciam as ideias conceituais para o desenvolvimento da Internet: i) redes de comunicação são mais que enviar e receber informação de um ponto a outro, os agentes são participantes ativos que têm papel central no processo comunicativo; ii) comunicação é um processo de reforço mútuo, que envolve criatividade; iii) o computador digital é um meio flexível, interativo que pode ser utilizado para a comunicação humana cooperativa; iv) a comunicação baseada em computadores exige um enquadramento comum da situação.

A tecnologia digital, em rede, permite que as pessoas distribuam mensagens rapidamente pelo mundo, estendendo o alcance da comunicação humana. Nesse

⁶ Como exemplos, pode-se pensar nas alterações promovidas na cultura com a introdução da escrita, da imprensa e do telefone.

movimento, amplia-se o espaço de acolhimento e visibilidade da expressão individual ou interesses de grupos específicos. Entretanto, é importante ressaltar que este mesmo movimento, que promove a “democratização” deste espaço, entendido como espaço público, tem como para-efeito uma banalização e desconfiança com relação a grande parte do volume dos conteúdos publicados nestes ambientes. Páginas na *web* são criadas por uma variedade de indivíduos e organizações, tornando indispensável uma avaliação das informações veiculadas quanto à exatidão, autoridade, objetividade, segurança e atualidade por parte de quem as utiliza. Se a informação ali é livre, é também duvidosa. É possível observar em várias instâncias da Internet a utilização deste espaço apenas como uma possível via de acesso às mídias tradicionais, que possuem a legitimidade pretendida pelos/as autores/as.

Em 1999, o lançamento de sistemas de criação e hospedagem gratuita de páginas pessoais baseadas na *web*, possibilitou que usuários/as que não dominavam o *script* HTML (*hipertext markup language*), recurso básico para a criação de *websites*, criassem seus blogs, fenômeno que registra crescimento exponencial.

O blog é um *website* pessoal ou coletivo, na maioria dos casos, sem fins comerciais, que mantém arquivos de registros datados e atualizados regularmente. Os blogs veiculam conteúdos que expressam a opinião dos/as autores/as sobre os temas tratados em ordem retrospectiva, baseia-se em independência e partilhamento, geralmente, com livre acesso. A maioria dos blogs disponibiliza um espaço de interação, de debate, de “arena pública,” onde visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a, e com os/as demais visitantes. Os blogs geralmente oferecem uma lista de indicação com *links* internos e externos que apontam para *posts* de arquivo, outros blogs recomendados e conteúdos que guardam afinidade com o tema de interesse do grupo.

Interação Social e Apresentação do *Self* na Cibercultura

Desde a criação de interfaces simplificadas para veiculação de conteúdos on-line, os ambientes de Internet passaram a ser largamente utilizados por usuários/as não especializados/as como meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*, onde são veiculadas representações de

identidade e de individualidade, em uma dinâmica análoga ao que Goffman (1998) denomina “gerenciamento da impressão” (*impression management*).

Os indivíduos se agregam a partir de interesses e necessidades que definem conteúdos específicos. Mas para além desses conteúdos, o fato de se sentirem sociados provoca satisfação em seus membros, a formação daquela sociedade como tal é em si um valor. O puro processo de sociação, a forma desse processo é, assim, um valor estético socialmente apreciado. Sendo assim, a sociabilidade (Simmel, 1983) evita atritos com a realidade, de modo que os motivos da sociação, implicados na vida prática, não têm importância neste contexto interacional. Ponto semelhante é desenvolvido por Goffman, para quem a maior parte da interação social cotidiana é possibilitada pelo engajamento comum e voluntário dos participantes no que ele chama de “consenso operacional” (Goffman, 1998), uma espécie de concordância superficial, onde cada participante abstrai suas posições pessoais em prol de uma definição da situação compartilhada por todos:

A conservação desta concordância superficial é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apóiam valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem. (...) Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas, haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da situação. Referir-me-ei a este nível de acordo como um “consenso operacional” (Goffman, 1998, pp. 18-19).

Mesmo com toda a mediação tecnológica, a interação no LV parece não prescindir do encontro presencial. Por vezes, frequentadoras efetivamente promovem encontros presenciais, mais aos moldes da sociabilidade descrita por Simmel. Os encontros são concebidos, planejados e comentados no ambiente dos blogs, e documentados por participantes. Nesse caso, as relações mediadas pelas tecnologias participam do contexto da interação, e a propósito dela: blog + bar + *e-mail* + MSN + celular + fotografia digital + *fotolog* + lista de discussão restrita + Orkut + Facebook + Twitter. Esta espécie de interação, assemelhada à de um clube, associação de interesses compartilhados, utiliza as mídias disponíveis de modo complementar, a serviço da interação.

Se por um lado, a teorização de Goffman sobre a ordem da interação face a face parece se aplicar muito bem ao objeto sob investigação, por outro, os dados

apontam também diferenças importantes. Goffman considera que há duas espécies de expressividade do indivíduo, atividades radicalmente diferentes e igualmente significativas: a expressão “transmitida”, ligada à linguagem verbal e à intencionalidade, e a expressão “emitida”, que inclui os gestos, olhares, suores, sorrisos ou expressões faciais, permitindo inferências nem sempre controladas pelo indivíduo. No caso do *weblog*, há menos elementos de emissão de expressão, somente aqueles veiculáveis por forma verbal – erros de português, por exemplo – havendo uma preponderância da informação deliberadamente transmitida. Isso traz conseqüências ao tipo de interação que se estabelece. Relativamente livres da expressividade via emissão, os sujeitos encontram menos obstáculos – ou obstáculos de outra ordem – em tentar manejar a impressão causada nos outros através de pseudônimos, *nicknames*, tentativas de controle com relação à informação fornecida.

Segundo Goffman (1998), um indivíduo, ao se apresentar diante de outros, pode agir de várias maneiras com relação ao que esses outros esperam dele. O processo de apresentação de si no contexto dos blogs se dá de diversas maneiras; não obstante, alguns padrões podem ser identificados. A temática proposta pelo blog geralmente participa do conteúdo das mensagens de entrada em cena no ambiente, mas não necessariamente. O elemento que garante reconhecimento e pertencimento ao grupo é o elogio, padrão de entrada mais recorrentemente encontrado. O elogio ao espaço e à iniciativa é geralmente bem recebido e respondido pelo grupo. Entretanto, outros padrões se observam, os quais denominei ‘não-elogio’ e ‘crítica’ (Braga, A., 2005) O não-elogio, que pode ser um pedido de informação, uma dica ou comentário, geralmente é respondido com hospitalidade ou simplesmente não respondido. As críticas têm como resposta o ostracismo, a ironia ou a agressividade.

O ambiente dos blogs também apresenta características de interação diferenciadas daquelas apresentadas pela sociabilidade, deixando perceber o desenvolvimento de outra forma de sociação, o conflito. A importância sociológica do conflito (*kampf*) é problematizada por Simmel (1983) de forma original. Enquanto admite-se que o conflito modifique ou até produza grupos de interesse, o autor se pergunta se o conflito, independente de qualquer fenômeno do qual resulte ou acompanhe, é, em si mesmo, uma forma de sociação. Apesar do conflito ser motivado por fatores de dissociação, é também um modo de se conseguir algum tipo de unidade. Assim, o conflito pode ser visto como algo positivo, na medida em que ambas as formas

de relação, a divergente ou a convergente, se diferenciam fundamentalmente da indiferença entre indivíduos ou grupos, que seria nesse sentido puramente negativa. É da divergência de ânimos e direções de pensamentos que fluem a estrutura orgânica e a vitalidade do grupo. Ao contrário do que pode parecer, unidade e discordância são tipos de interação que não se anulam, mas se somam; e mesmo que a discordância possa ser destrutiva em relações particulares, não tem necessariamente o mesmo efeito no relacionamento total do grupo, podendo até ter um papel inteiramente positivo nesse quadro mais abrangente. As hostilidades preservam limites no interior dos grupos e muitas vezes garantem suas condições de sobrevivência. O direito e o poder de rebeldia contra tiranias, arbitrariedades, mau-humor contribui para a manutenção da relação com pessoas cujo temperamento não poderia ser suportado de outra forma.

Entre os pontos característicos da sociabilidade, Simmel destaca também sua natureza democrática, uma espécie de “toma lá, dá cá,” onde cada participante oferece valores sociais ao ambiente (alegria, realce) na mesma proporção com que recebe. Eliminado o que é pessoal e objetivo, a sociabilidade “cria um mundo sociológico ideal” (Simmel, 1983, p. 172), onde o prazer do indivíduo está implicado no prazer dos outros. Esta espécie de clube criado a partir desta interação específica, que se manifesta como um “campo finito de significação” (Schutz, 1962), desvinculado dos assuntos sérios e objetivos, aparece frequentemente nos materiais do LV.

Desta maneira, na sociabilidade, a conversa é o propósito em si, a conversa é a realização de uma relação lúdica, que só quer ser relação. Enfim, talvez seja interessante para justificar a investigação sobre esse tipo de material, a aproximação que Simmel faz da sociabilidade, “exatamente por sua distância de sua realidade imediata, pode revelar a natureza mais profunda desta realidade, de maneira mais completa, consistente e realista que qualquer tentativa de apreendê-la mais diretamente” (Simmel, 1983, p. 180). A considerar o relaxamento dos papéis formais desempenhados em outras situações interacionais, os momentos de sociabilidade tornam-se mais propensos ao fluxo de conteúdos espontâneos, íntimos ou inconscientes, informações talvez mais facilmente protegidas em situações sérias.

Método

Neste momento busco situar os conceitos citados acima visando apontar a pertinência da articulação entre eles para o objeto de pesquisa e objetivos deste estudo.

Na construção teórica e metodológica para a análise, alguns conceitos procedentes de contextos e escolas diferentes, tornam-se operacionais para guiarem a investigação. Para os fins deste estudo, considero que dois destes conceitos estão intimamente articulados, a saber, “interação social” (Goffman, 1999) e “enunciação” (Benveniste, 1989). Estes conceitos foram produzidos em contextos bem distintos. A noção de interação social foi pensada no âmbito da Escola de Chicago, visando a dar conta dos processos de trocas simbólicas entre os/as participantes de uma situação social; o conceito de enunciação refere-se a uma dimensão descritiva dos modos através dos quais se elaboram discursos.

Por sobre os elementos mais palpáveis do blog – os *posts*, *links*, *layout* e espaço de comentários – é possível perceber o que poderia ser chamado de uma “teoria” do grupo, um conjunto de princípios, valores e interpretações sobre os eventos. Negociações de sentido realizadas por interações de modo dinâmico, que negociam os termos a partir de perspectivas e métodos práticos de enfrentamento de situações concretas e posicionamentos das/os participantes da interação. Estas perspectivas e posições são afirmadas e registradas através de discursos que se materializam em textos escritos. Os trabalhos sobre os discursos pressupõem que estes já trazem em si “marcas” que revelam aspectos do funcionamento do sistema social e da cultura dentro da qual foram gerados, ainda que, muitas vezes, o/a enunciator/a não o pretenda (Fausto Neto, 1991).

Assim, fragmentos de definições de situação aparecem como tópicos de debate nos discursos, seguidos de outros posicionamentos relativos, estruturando o que chamei de *thread* (termo tomado da metodologia desenvolvida por Rutter & Smith, 2002, que se refere a um conjunto de comentários motivados por dado assunto em interações on-line), unidade de análise descrita abaixo. O *thread*, assim, se mostra como resultante de um duplo ordenamento: sujeito à ordem do discurso (na sua dimensão política de negociação de significados), e à ordem da interação (na sua dinâmica de apresentação do *self* das/os participantes). Desta maneira, acredito que a articulação entre enunciação e interação social resulta produtiva para operacionalizar a leitura do complexo processo interacional sob exame.

O contexto discursivo das redes sociais pode ser pensado como um *front* de lutas por definições de realidade, e nessa “transação de falas” (Mouillaud, 1997) que produz os sentidos, significados de toda ordem disputam espaço de legitimidade. No entrecruzamento de pressupostos, cultura de consumo, saberes tradicionais, ideais de movimentos sociais organizados e relações históricas de poder, definições de situação são propostas, negociadas e transformadas no âmbito da constituição desses discursos. Este tipo de operação discursiva constitui um dos aspectos a ser analisado neste estudo.

Netnografia: possibilidades e limites da observação não-participante⁷

Nas relações interpessoais face a face, por telefone e assim por diante, as pessoas sabem como agir visando determinada impressão no interior de seu grupo de convivência cotidiana. Mesmo que nenhuma regra esteja formalmente codificada, existe uma regulação tácita que cria expectativas de práticas sociais entre os indivíduos. A CMC, por sua incipiência, demanda dos/as participantes das interações neste contexto certa improvisação diante de situações não vividas. Sendo assim, adapta-se modelos de outros contextos de interação para experimentar e ao mesmo tempo criar as regras para as relações ocorrentes neste ambiente específico. Assim, os padrões de expressão praticados nesses ambientes não deixam de estar submetidos ao controle social das/os participantes da interação. A possibilidade do anonimato, por exemplo, pode funcionar simultaneamente como estímulo para vínculos de amizade e intimidade, bem como para a agressividade e desrespeito ao outro.

Para o exame das trocas sociais ocorrentes no ambiente digital, uma aproximação caso a caso busca o refinamento da reflexão sobre os objetos comunicacionais emergentes a partir de sua natureza prática mais que teórica. Ao se afastar das práticas interativas vividas pelos sujeitos, corre-se o risco de produzir uma teoria estipulativa que se baseia na potencialidade oferecida pela tecnologia disponível na Internet como meio de comunicação e não em seus usos concretos.

O neologismo “netnografia” (*nethnography* = *net* + *ethnography*) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio

⁷ Uma versão preliminar deste tópico foi publicada na UNIrevista, v. 1, n. 3 (Braga, 2006)

metodológico no trato com esses materiais: preservar os detalhes ricos da observação e campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores.”

No clássico livro *A Interpretação das Culturas*, de 1973, Geertz se posiciona entre aqueles que se preocupam com a limitação, com a especificação do conceito de cultura, visando reduzi-lo a uma dimensão justa que garanta a continuação de sua pertinência. Para substituir a teorização de seus antecessores que concebiam inúmeras e amplas definições para o conceito, o autor defende um conceito de cultura semiótico. Partindo da proposição de Max Weber, segundo a qual “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu,” a cultura seria “essas teias e sua análise” (Geertz, 1978, p. 15), demandando assim uma ciência interpretativa em busca do significado.

A técnica etnográfica foi concebida e historicamente aplicada a grupos sociais em interação face a face com o/a etnógrafo/a, que fazia da sua experiência uma fonte de dados. O modo peculiar de interação ocorrente na CMC é de alguma forma uma novidade, que traz desafios metodológicos à aplicação desta tradicional técnica de pesquisa, tornando necessário ajustar alguns pressupostos da etnografia a esse novo objeto, de que somos testemunhas e agentes em sua confecção.

Em termos metodológicos, a etnografia se funda na noção de observação participante, visto ser impossível, em situações face a face, uma observação não-participante. Ora, os ambientes interacionais da CMC caracterizam-se pela ausência física das/os visitantes, sendo possível tornar-se “invisível.”⁸ Sendo assim, é possível apreender a cultura de um grupo somente observando? É possível uma “observação não-participante?”

A condição que possibilita o ofício do/a etnógrafo/a é a imersão e a experiência da efetiva participação no ambiente pesquisado. Este ofício inclui participar, observar, descrever: categorias que formam a unidade do fazer etnográfico. Então, *lurking* é participação? Essa especificidade é o objeto central desse questionamento metodológico. A observação participante on-line é uma participação peculiar, na medida

⁸ Tal prática é denominada *lurking*, literalmente, ficar à espreita.

em que, em termos de presença/ausência, a informação acerca da presença do/a observador/a no *setting* não está disponível às/aos demais participantes.⁹

A partir de uma problematização em torno das particularidades da interação em um ambiente baseado em texto, o *newsgroup* RumCom.local, dois pesquisadores ingleses, tendo optado pelo método etnográfico, relacionam as vantagens da sua aplicação ao ambiente on-line.

Etnografia online é certamente um sonho do pesquisador. Ela não implica em deixar o conforto de seu escritório; não há complexos privilégios de acesso para negociar; dados de campo podem ser facilmente gravados e salvos para análise posterior; um grande montante de informação pode ser coletado rapidamente e sem custos¹⁰ (Rutter & Smith, 2002a, p. 3).

Os autores alertam para a importância de o/a pesquisador/a estar atento a respeito de *onde* estamos estudando como etnógrafos eletrônicos, na medida em que, como em uma ligação telefônica, as relações estabelecidas na rede são definidas por atos de interação e comunicação, considerando que não há um “lugar” no universo virtual para além da metáfora (2002a, p. 4).

No estudo das ações sociais, a etnometodologia (Greiffenhagen & Watson, 2005) trata do seu sentido como sendo situado e prático, ou seja, envolvendo um âmbito de considerações práticas para o uso, o que Schutz (1962) chama de ‘atitude da vida cotidiana.’ Tais atividades são caracterizadas mais por sua natureza prática que teórica. Assim, recomenda-se proceder através de análise empírica adequada, baseada caso a caso.

Em termos metodológicos, esta vertente da Sociologia trabalha com a noção de ‘exigência singular de adequação,’¹¹ uma competência exigida do/a analista na atividade concernida. A competência comum na atividade sob exame pode evitar que o/a analista descreva as atividades dos/as pesquisados/as de forma estipulativa ou focalize nas vicissitudes do/a novato/a. Ou seja, o que pode ser familiar para os/as

⁹ É importante ressaltar que a presença de *lurkers* possa ser inferida através da discrepância entre o número de acessos em relação ao número de comentários registrados, bem como pela possibilidade de identificação dos provedores de origem dos comentários oferecida pelos contadores do *website*. Ou seja, esteja ou não presente, o/a observador/a anônimo/a é sempre uma possibilidade.

¹⁰ Tradução pessoal. No original: “...online ethnography is surely a resesearcher’s dream. It does not involve leaving the comforts of your office desk; there are no complex access privileges to negotiate; fields data can be easily recorded and saved for later analysis; large amounts of information can be collected quickly and inexpensively.”

¹¹ Tradução pessoal. No original: “unique adequacy requirement.”

participantes de uma interação específica pode parecer ‘estranho’ para um/a observador/a pouco competente no campo do fenômeno.

Os *logfiles*, produzidos através da própria tecnologia da CMC, muito freqüentemente são tomados como *os* dados da pesquisa, facilitando os problemas de coleta de material para análise (Miller, 1995). Entretanto, há muitos perigos nesta opção metodológica. Os *logfiles* apresentam uma vista aérea da interação geral, ou seja, um ponto de vista típico do/a analista, não do/a participante da CMC, uma instância corrente, em processo, além de perder a possibilidade de capturar como os/as participantes estabelecem aquela interação ao longo do tempo. O uso do computador está implicado em atividades mais amplas da vida cotidiana, a comunicação estabelecida por esse meio pode ter outro objetivo além da comunicação em si, desta forma a dependência exclusiva dos *logfiles* envolve uma descontextualização que arrisca não permitir que o fenômeno seja percebido propriamente. Assim, há uma tentação de tratar os *logfiles* como independentes e priorizar apenas os seus conteúdos, removendo as especificidades da CMC. Nesse sentido, analistas que tomam os *logfiles* como única fonte de dados poderiam ser caracterizados como o que Roy Turner chamou de ‘arqueólogos/as por opção,’ analistas que optam por considerar apenas fragmentos e traços de uma sociedade em suas análises, quando a própria sociedade ainda está disponível (Greiffenhagen & Watson, 2005).

As possibilidades e limitações das abordagens apontadas acima evidenciam a necessidade de, a cada pesquisa, desenvolver uma composição de técnicas que resulta, em cada caso, num aparato metodológico específico – naquilo que Becker (1993) denomina “multimétodo.” Como dito acima, os/as participantes da CMC conduzem suas atividades tendo como modelo recursos de várias práticas comunicacionais anteriores, sendo uma delas a escrita em geral, concretizadas em enunciados passíveis de ser analisados pelo aporte teórico fornecido pela Análise do Discurso – a complementar o trabalho etnográfico.

Se por um lado, o arquivo disponibilizado pela tecnologia da Internet em *logfiles* parece oferecer ‘tudo’ o que se passa nas atividades da CMC, o que parece minimizar os problemas de coleta de dados, por outro, a utilização deste recurso como única fonte de dados pode tirar a oportunidade do/a analista de perceber os sentidos intersubjetivamente partilhados pelo grupo em exame.

Sistematização dos Dados e Procedimentos Analíticos

O ambiente disponibilizado pela Internet não é ocupado de forma homogênea, há muitas estruturas distintas. Das muitas aplicações disponíveis, algumas se estabelecem e permanecem, enquanto que outras formas de uso dos recursos técnicos proporcionados caem em desuso. Entre os formatos que parecem ter se estabelecido com vigor, pode-se destacar o e-mail – meio de comunicação em geral pessoal e privado –, o *website* – institucional e público –, e, mais recentemente, o *instant messenger* – pessoal, privado e sincrônico –, e o blog, público e pessoal, ou seja, espaço público, mas “com dono.”

O ponto de partida para a operacionalização deste estudo consiste em uma coleção dos comentários publicados nas redes sociais. A estes dados, acrescentam-se entrevistas presenciais, por telefone e *instant messenger* com blogueiros/as e alguns participantes, além de observação participante em encontros presenciais, experiências registradas sistematicamente em um diário de campo etnográfico. Estas opções visam a ampliar a base empírica de dados para a compreensão do fenômeno investigado em sua complexidade, evitando os perigos de ter como única fonte de dados os registros disponíveis nos *logfiles*, como abordado acima.

O uso da mídia eletrônica como contexto para a apresentação do *self* parece acrescentar novas características e recursos para esta atividade. A interação on-line permite que a apresentação do *self* ocorra de várias maneiras diferentes. Para o exame das representações do *self* encontradas nesses ambientes, alguns elementos se apresentam como profícuos: descrições pessoais, informação para contato, *links*, letra de música, citações, sinais de afiliação, testemunhos pessoais, informações correlatas e ainda a chegada ao ambiente social sob investigação, matéria da primeira impressão disponível aos/às participantes da interação. Assim, a coleta dos comentários permite analisar a formação e o processo de configuração de diferentes aspectos desses espaços interacionais, como os protocolos de entrada em cena de novos/as participantes, critérios de inclusão/exclusão/ostracismo de visitantes, princípios formativos de circuitos interacionais, além do tratamento dado a temas convergentes com a situação social na contemporaneidade.

A unidade básica de análise para lidar com os numerosos dados provenientes dos registros disponíveis na rede consiste no *thread*, um conjunto de comentários relativos a um mesmo tema, fenômeno interacional/verbal típico da interação social na Internet, descrito por Rutter e Smith (2002a; 2002b). Em um *thread*, as/os participantes alternam comentários datados e numerados, em uma espécie de radicalização da dinâmica de “turnos de fala” (Schegloff, Sacks & Jefferson, 1974) na conversação face a face, na qual não há corte ou sobreposição de falas, mas uma sequência numericamente configurada.

Assim, considero importante buscar, além da diversidade dos conteúdos apresentados nos ambientes interacional da rede, “os princípios estruturantes que fornecem ordem em meio ao fluxo” (Smith, 2004, p. 51). A estipulação dos *threads*, a observação de sua duração, frequência e conteúdos para a organização e exame desses dados em seu conjunto demonstram grande potencial analítico, uma vez que é no confronto entre posições manifestas ao longo dos *threads* que a negociação social dos sentidos se realiza, tanto na ordem do discurso quanto na ordem da interação, os dois eixos principais desta investigação, visando a uma caracterização profunda das modalidades de interação ocorrentes nesses ambientes.

Referências Bibliográficas

- BARNES, Susan. *Computer-mediated communication: human-to-human communication across the Internet*. Boston/USA, Allyn and Bacon, 2003.
- BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Hucitec, 1993.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, Pontes, 1989.
- BISHOP, Ann P., STAR, Susan L., NEUMANN, Laura, IGNACIO, Emily, SANDUSKY, Robert J., & SCHATZ, Bruce. "Building a university digital library: Understanding implications for academic institutions and their constituencies." In: *Higher Education and the NII: From vision to reality*. Proceedings of the Monterey Conference, Sept. 26-29. Washington, DC, Coalition for Networked Information, 1995.
- BRAGA, Adriana A. "Sociabilidade no Livro de Visitas: uma dimensão comunicacional da feminidade contemporânea." In: BRAGA, Adriana (org.) *CMC, Identidades e Género: teoria e método*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã/Portugal, Universidade da Beira Interior, 2005.
- _____. "Técnica Etnográfica aplicada à Comunicação Online: uma discussão metodológica." In: *UNirevista*, v. 1, n. 3. São Leopoldo, Unisinos, julho de 2006.
- ESTEVES, João Pissarra. "Nova ordem dos *media* e identidades sociais." In: Vários autores, *Mídias e Processos Socioculturais*. São Leopoldo, Unisinos, 2000.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Mortes em Derrapagem*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays in Face-to-Face Behavior*. Garden City, Doubleday, 1967.
- _____. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. *Os momentos e os seus homens*. (selecionado e apresentado por Yves Winkin) Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1999.
- GOMES, Wilson. "Opinião Política na Internet: uma abordagem ética das questões relativas a censura e liberdade de expressão na comunicação em rede." Brasília, X Compós, 2001.
- GREIFFENHAGEN, Christian. & WATSON, Rod. "'Teoria' e 'Método' na CMC: identidade, género, e tomada-de-turno – uma abordagem etnometodológica e analítico-conversacional." In: BRAGA, Adriana (org.) *CMC, Identidades e Género: teoria e método*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã/PT, Universidade da Beira Interior, 2005.
- LEMOS, André. "Ciber-Socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea." São Paulo, VII Compós, 1998.
- LOGAN, Robert. "The Five Ages of Communication." In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 13-20. New Jersey, Hampton Press, 2002.

- MILLER, Hugh. "The Presentation of Self in Electronic Life: Goffman on the Internet." Paper presented at Embodied Knowledge and Virtual Space Conference. University of London, 1995.
- MOUILLAUD, Maurice. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília, Paralelo 15, 1997.
- ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, Papirus, 1998.
- _____. "Ecology and Some of its Future." In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 5-11. New Jersey, Hampton Press, 2002.
- PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- POSTMAN, Neil. *Amusing ourselves to death*. New York, Penguin Books, 1985.
- _____. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo, Nobel, 1994.
- RUTTER, Jason & SMITH, Greg. "Ethnographic Presence in Nebulous Settings: A Case Study." Paper presented at ESRC Virtual Methods Seminar Series. Brunel University, 2002a.
- _____. "Spinning Threads: Rituals of Sociability in CMC." Disponível em: http://les.man.ac.uk/cric/Jason_Rutter/papers, 2002b.
- SCHEGLOFF, Emanuel, SACKS, Harvey and JEFFERSON, Gail. "A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation" *Language*, 50, n 4, 1974. Disponível em: <http://www.sscnet.ucla.edu/soc/faculty/schegloff/pubs/index.php>
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*. The Hague, M. Nijhoff, 1962.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- SMITH, Greg. "Instantâneos 'sub specie aeternitatis': Simmel, Goffman e a sociologia formal." In: GASTALDO, Édison (org.) *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2004.
- STRATE, Lance. "The cell phone as environment." In: *Explorations in Media Ecology* (2/1). New Jersey, Hampton Press, 2003.

Sites:

Computer Industry Almanac Inc.

<http://www.c-i-a.com>

Nielsen/Net Rating Service

<http://www.nielsen-netratings.com>

Technorati

<http://www.technorati.com>

ANEXO

Relatório de atividades

INTERAÇÕES DIGITAIS USOS SOCIAIS DA INTERNET EM PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Aluna: Rebeca Herval

Orientadora: Adriana Braga

Introdução

Esse trabalho é uma síntese da minha colaboração como estagiária da pesquisadora Adriana Braga. O tema base é a organização e as relações dos arranjos interacionais nos ambientes das redes sociais. As informações foram obtidas através de pesquisas bibliográficas e nas redes sociais, onde os grupos pesquisados, compostos por pessoas de classe média, que usam o computador com frequência, puderam participar. A base teórica gira em torno da perspectiva da Interação Social, da Etnometodologia e a aplicação de conceitos da Análise do Discurso.

Objetivos

O objetivo central desse projeto é descrever e analisar aspectos da dinâmica interacional estabelecida entre participantes do ambiente da Web 2.0. Durante seu estudo sobre blogs e ferramentas da web, como o Twitter, a orientadora Adriana Braga percebeu a necessidade de estudar as ‘microcelebridades’, anônimos no mundo real, mas que são celebridades nos ambientes digitais. Estudou também como a internet vem mudando a recepção e consumo de informação por parte dos internautas quanto os Meios de Comunicação de Massa tradicionais.

Metodologia

O método utilizado nas pesquisas foi a netnografia (*nethnography*) - perspectiva teórico-metodológica adaptada por Adriana Braga a partir da técnica etnográfica tradicional da Antropologia para o estudo de ambientes digitais, cibercultura. Essa técnica inclui o contato face a face entre pesquisador e pesquisado, mas aquele se insere no dia-a-dia do grupo a ser estudado.

Personas Materno-Eletrônicas: feminilidade e interação no blog *Mothern*

Nesse livro, que rendeu à Adriana Braga apresentação no Congresso Internacional de Estudos Latino-Americanos, em Toronto, ela pode observar o desenvolvimento de duas publicitárias leigas quanto o “blogs”. O livro é um estudo sobre como o *Mothern* foi planejado e realizado; narra a relação das blogueiras com os diferentes públicos (outras blogueiras, pessoas como elas e, posteriormente, com o grande público, misto, com ideias e debates diversos das originais) e diante dos mais diferentes temas sobre maternidade, vida conjugal e doméstica, na contemporaneidade.

A imagem feminina foi relatada nas mais diversas sociedades, em todos os períodos históricos e em tecnologias também diversas. A pesquisadora defendeu que a possibilidade de mudança na representação feminina não esteja na tecnologia, mas na cultura que utiliza esta tecnologia para se expressar. Para ela, as mudanças ocorrem na cultura e a Internet forneceu um novo ambiente para as trocas sociais, a web é mais um espaço de expressão para a cultura já estabelecida pela sociedade.

Foi possível observar que o público leitor do blog foi se modificando com o tempo. No primeiro momento, outras blogueiras visitavam e participavam do *Mothern*. Eram usuárias acostumadas à dinâmica de manter um blog e, com isso, sabiam ousar nas temáticas e sabiam argumentar, defender, os pontos de vista pessoais. O segundo momento foi datado quando o blog (e/ou as blogueiras) passou(ram) a ser citado(as) nas mídias de massa, como jornais e revistas. Tinham disposição para discutir questões de gênero e eram abertas a mudanças. Foi necessário, criar uma lista de discussão privada, que não possibilita meios de localização por sistemas de busca e oferece privacidade para, dentre outras coisas, discutir assuntos-tabu e polêmicos. O último grupo foi formado por pessoas originadas da mídia de massa mais ampla. A falta de afinidade das blogueiras com este público e a falta de atualização frequente fizeram com que a relação leitora/blogueiras se aproximasse da de fãs/ídolos.

Microcelebridades: entre meios digitais e massivos

O artigo foi publicado no periódico *Contracampo*, da Universidade Federal Fluminense e levantou o debate sobre o fenômeno “microcelebridades”. Para esse estudo, Adriana Braga recorreu, dentre outros autores, a Joseph Walther, Susan Barnes e Willian Thomas ao abordar o assunto *Personas* digitais e discorreu sobre o termo criado por ela: “microcelebridades”, ou seja, personagens comuns no mundo real, mas que são celebridades nas redes sociais, na Internet. A pesquisa se baseou no fato dessas “microcelebridades” saírem do universo online para aparecerem, com muita frequência, os Meios de Comunicação de Massa tradicionais, em especial a televisão. Os objetos de estudo foram o blog *Mothern*, que foi reescrito para o formato de seriado televisivo, veiculado no canal de televisão à cabo, GNT e a participação de uma “twiteira” no programa *Big Brother Brasil 10*, da Rede Globo. Para essa pesquisa, eu colaborei com a leitura da bibliografia e com a pesquisa de textos, imagens, áudios e vídeos publicados por e sobre a Tessália, antes, depois e durante a participação dela no programa *BBB10*.

O problema principal desse estudo de Adriana Braga foi “O que acontece quando as lógicas da produção midiática on-line se encontram com as lógicas da produção midiática de massa?”. E para responder, ela recorreu, dentre outros autores, a Evering Goffman e sua análise sobre como uma pessoa age ao se apresentar. A pesquisadora trouxe essa questão de apresentação para os contextos digitais e focou no comportamento dos que se destacam no universo online, aqueles que têm seguidores em números notáveis e mantêm sobre eles opiniões valorizadas.

Por ser um espaço público, ainda há desconfiança com relação aos conteúdos publicados, já que não há critério para as publicações e toda e qualquer pessoa é livre para produzir e veicular informação. É por isso que é fundamental uma avaliação de cada dado, principalmente quanto à exatidão, autoridade, objetividade, segurança e atualidade. Com isso, é possível ver o quanto a Internet permitiu certa relativização do monopólio de produção de conteúdos.

Goffman considera duas formas de expressividade do indivíduo: a expressão *transmitida*, associada à linguagem verbal e à intencionalidade e a expressão *emitida*,

com fatores como gestos e expressões faciais, reações espontâneas, nem sempre controláveis. Adriana Braga destaca que nos ambientes digitais, há menos elementos de emissão de expressão, somente aqueles veiculáveis por forma verbal. Essa dominação da expressão transmitida faz com que as pessoas tentem direcionar a impressão causada através de tentativas de controle com relação à informação fornecida.

Ao identificar as “microcelebridades”, a pesquisadora identificou a legitimação de conteúdos e autores/as dos ambientes digitais, sendo a *legitimação pelo público*, através do número de visitantes a acessar e comentar e a *legitimação pelos pares*, através de onde e quanto o perfil é citado e linkado em outros espaços semelhantes. A base de estudo foi, uma vez legitimados neste domínio, os alguns/as autores/as que ganharam tanto destaque no âmbito online entraram nos meios de comunicação de massa. A aparição desses personagens nas mídias tradicionais, como o caso das publicitárias e blogueiras do *Mothers* e a “twiteira” Tessalia, que saíram da web e foram parar nos jornais e na televisão, é vista como um fator positivo, como um reconhecimento do valor que demonstraram ter na Internet.

O fenômeno Twitcam: Pode cada computador ser uma emissora?

Publicado no jornal, na metade no ano passado, em 2010, Folha de São Paulo, Adriana Braga aborda uma mudança no acesso de pessoas ao processo de produção das mídias, atividade que antes do boom da Internet era um poder restrito a poucos. Os jovens, pela facilidade na linguagem tecnológica, são dominantes nesse meio. A pesquisadora ressalta a quantidade de mensagens com teor sexual no ambiente virtual e também refletido no Twitcam. Ela pautou essa prática com base na relação histórica, já que desde a Idade Antiga é praticado, falou também da diferença da nova geração com relação à temática sexual, mais livre de tabus.

Mas o ambiente Twitcam é usado também como uma ferramenta de expressão de sentimentos e pensamentos para uma grande de pessoas, como o exemplo citado pela pesquisadora, que citou o desabafo de Felipe Melo, ao ser culpado da desclassificação da seleção brasileira na Copa 2010. É ainda um palco mais igualitário, onde artistas anônimos atingem grande parte do público com suas performances ao vivo. É um local

privilegiado para a expressão individual em diversas instancias, seja sexual, comercial ou humanista. O fato é que algumas estruturas surgem e rapidamente desaparecem na internet enquanto outras se estabelecem solidamente, como no caso dos blogs.

Adriana Braga concluiu que: “possibilidade tecnológica aberta pelo Twitcam é fantástica e revolucionária, na medida em que radicaliza a quebra de monopólio dos polos produtores centralizados, oferecendo recursos para que cada computador pessoal ligado à internet do planeta se transforme em um local de veiculação de manifestações expressivas, estéticas, políticas, identitárias, jornalísticas e publicitárias.” E ressalta a necessidade de uma legislação para os usos concretos da tecnologia.

Variações sobre o uso do Skype na Pesquisa Empírica em Comunicação

Minha orientadora estudou a ferramenta *Skype*, em especial, o uso na área de pesquisa. O título desse estudo conversa com a obra de *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1991). Na década de 90, o gravador era uma promissora tecnologia, que estava mudando as rotinas dos pesquisadores, hoje, juntamente com outros provedores de tecnologia VoIP (*Voice over Internet Protocol*), o *Skype* vêm redefinindo a noção de comunicação telefônica em todo o mundo. O uso do gravador possibilitou o desenvolvimento de uma importante vertente metodológica da pesquisa em ciências humanas e sociais: as histórias de vida ou história oral. Já a introdução de um canal de vídeo em um meio de comunicação interpessoal traz uma série de consequências não apenas para a vida cotidiana de quem o utiliza, mas também para a pesquisa.

O *Skype* é um aplicativo para computadores que combina tecnologia VoIP com a organização de uma base de dados de participantes. Atualmente, é possível fazer chamadas usando o microfone e as caixas de som de um computador, ligando tanto para outros computadores conectados quanto para telefones fixos e móveis do mundo todo a preços inferiores as operadoras convencionais. Além da opção de mensagens instantâneas, teleconferências e videoconferências. Diante de tantas alternativas é que os pesquisadores levantaram como questão o contraste: as potencialidades técnicas trazidas pela Internet são do conhecimento dos acadêmicos, mas ainda não são exploradas de uma ampla forma na pesquisa científica, que se limita ao discurso essencialmente baseado em texto.

Diante do dilema de, através do *Skype*, ver a face uma da outra, sem compartilharem o mesmo ambiente físico, os pesquisadores recorreram ao autor Erving Goffman para a definição da interação face a face. Chegaram como conclusão que os exemplos de materiais significantes em termos interacionais estão disponíveis aos participantes de uma interação mediada por áudio e vídeo, mas elementos interacionalmente significantes, como cheiros, não estão acessíveis. Além disso, considerando “face” como uma entidade além do rosto, a maior parte dos elementos componentes do trabalho de face pode ser não apenas presenciada, mas também gravada e mediada por *Skype*.

Os pesquisadores analisaram o *Skype* como objeto de investigação científica e puderam verificar a ampla gama de abordagens empíricas, com uso de dados quantitativos e em perspectiva etnográfica, é viável gravar vídeos das situações naturais de uso do aplicativo. O método não anula as técnicas de pesquisa mais tradicionais, mas é uma alternativa para ser usado em paralelo, como forma de enriquecer a pesquisa através de dados recolhidos. Conhecendo o potencial do meio, os pesquisadores vêem como um retrocesso a existência de pesquisas em Comunicação baseadas apenas em questionários e trocas de e-mail, como principal fonte de dados, limitado ao texto.

Conclusões

Iniciei a leitura da bibliografia partindo do texto *Personas Materno-Eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern*, de autoria da minha orientadora (Braga, 2008), com o objetivo de compreender o universo estudado por ela e a proposta da pesquisa. Estudei o livro *Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz, que em muito me acrescentou sobre o comportamento do pesquisar, seu dia-a-dia, os momentos de dificuldades e as vitórias, além de me ensinou sobre as dinâmicas de entrevistas.

Também tive a oportunidade de assistir a algumas palestras do XIX Encontro da Compós, no ano passado, incluindo o GT “Recepção, Usos e Consumos Midiáticos” e o GT “Comunicação e Cibercultura. Esse simpósio permitiu que eu ampliasse meu conhecimento sobre a minha área de pesquisa, já que pude acompanhar a linha de raciocínio de diversos pesquisadores, das mais variadas faculdades do país. Esse um ano de trabalho resultou à Adriana Braga publicações de artigos e capítulos de livros no Brasil e no exterior e a mim, a oportunidade de acompanhar uma rotina de estudo e dedicação de uma pesquisadora, além do acesso a bibliografias que foram muito além da exigida em minha graduação.

Referências

1. BRAGA, Adriana. **Personas Materno-Eletrônicas: feminilidade e interação no blog *Mothern***. Porto Alegre: Sulina, 2008.
2. Queiroz, Maria Isaura Pereira. **Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo: São Paulo, 1991
3. Twitcam: pode cada computador ser uma emissora? In: Jornal Folha de S. Paulo. (<http://www1.folha.uol.com.br/tec/784560-twitcam-pode-cada-computador-ser-uma-emissora.shtml>) acessado em 18 de julho de 2011.

Publicações no período

Artigos completos publicados em periódicos

1. BRAGA, Adriana A. **A Comunicação no quadro das Ciências: uma entrevista com Robert K. Logan**. In: Revista E-Compós, v.1. Brasília, 2011 (no prelo).
2. BRAGA, Adriana A. **Microcelebridades: entre meios digitais e massivos**. Contracampo (UFF), v. 1, p. 39-54, 2010.

Capítulos de livros publicados

1. BRAGA, Adriana A. **Gender Blogging: Femininity and Communication Practices on the Internet**. In: Sarah Burcon; Melissa Ames. (Org.). Women and Language: Essays on Gendered Communication Across Media. 1 ed. Jefferson, North Carolina: McFarland Press & Company, 2011, v. , p. 215-229.
2. BRAGA, Adriana A. ; GASTALDO, E. **Perspectivas Naturalistas em Comunicação: uma angulação teórico-metodológica**. In: Braga, J.L.; Lopes, M.I.V.; Martino, L.C.. (Org.). Pesquisa Empírica em Comunicação. São Paulo: Paulus, 2010, v., p. 87-108.

Textos em jornais de notícias/revistas

1. BRAGA, Adriana A. . **O fenômeno Twitcam: Pode cada computador ser uma emissora?.** Folha de S. Paulo, São Paulo, p. 5, 18 ago. 2010

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

1. BRAGA, Adriana A. **Microcelebrities, the Medium and the Message.** In: 12th Media Ecology Association Annual Convention. Edmonton, Canada, 23-26 junho, 2011
2. BRAGA, Adriana A. ; GASTALDO, E. **Variações sobre o uso do Skype na Pesquisa Empírica em Comunicação.** In: XX Encontro Anual da COMPÓS, 2011, Porto Alegre. Anais do XX Encontro Anual da Compós, 2011.
3. BRAGA, Adriana A. **Microcelebridades: entre meios digitais e massivos.** In: **XIX Encontro Anual da COMPÓS**, 2010, Rio de Janeiro. CD ROM do XIX Encontro Anual da Compós. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.
4. BRAGA, Adriana A. **Maternal-Electronic Personae.** In: XXIX International Congress of the Latin America Studies Association-LASA, 2010, Toronto. LASA 2010, 2010

Apresentações de Trabalho

1. BRAGA, Adriana A. **Being Brazilian: contemporary dimension of Brazilian culture.** 2011. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
2. BRAGA, Adriana A. ; GASTALDO, E. **Variações sobre o uso do Skype na Pesquisa Empírica em Comunicação.** 2011. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
3. BRAGA, Adriana A. **Microcelebridades: entre meios digitais e massivos.** 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
4. BRAGA, Adriana A. ; GASTALDO, E. **Raízes teóricas de uma perspectiva antropológica da mídia: do pragmatismo à ordem da interação.** 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
5. BRAGA, Adriana A. ; STERNBERG, J. **Ecologia das Mídias: tecnologias e sociedade.** 2010. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
6. BRAGA, Adriana A. **Maternal-Electronic Personae.** 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

